



Conhecimento e uso de plantas medicinais em uma comunidade rural no município de Cuitegi, Paraíba, Nordeste do Brasil

Simone Silva¹, Maria da Glória Vieira Anselmo², Wellington Miguel Dantas³, João Henrique Rosa⁴, Ernane Nogueira Nunes⁵, Juliana Pontes Soares⁶, Carlos Antônio Belarmino Alves⁷

¹Graduada em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Campus III, Guarabira, Paraíba, Brasil. E-mail: simoneds86@gmail.com

²Mestranda do Programa de Pós Graduação em Agronomia – PPGA, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Campus II, Areia, Paraíba, Brasil. E-mail: gloria.anselmo@hotmail.com

³Mestrando do Programa de Pós Graduação em Solos – PPGS, da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, Campus II, Areia, Paraíba, Brasil. E-mail: wellingtonmiguel05@gmail.com

⁴Mestre em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo - USP. E-mail: jhr@usp.br

⁵Doutorando do Programa de Pós Graduação em Engenharia Agrícola – PPGEA, da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Campina Grande, Paraíba, Brasil. E-mail: ernanenn@gmail.com

⁶Pesquisadora Associada do Laboratório de Etnoecologia – LET, da Universidade Estadual da Paraíba, Campus II, Areia, Paraíba, Brasil.

⁷Professor da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB, Campus III, Guarabira, Paraíba, Brasil. E-mail: c_belarminoalves@hotmail.com

Artigo recebido em 20 agosto 2014; aceito para publicação em 16 outubro 2014; publicado 23 outubro 2014

Resumo

As comunidades tradicionais são responsáveis por manter um grande elenco de plantas cultivadas para suprir necessidades alimentícias, industriais ou médicas. O conhecimento tradicional fornece dados importantes para novas descobertas científicas, e nesse panorama as pesquisas sobre o uso de plantas medicinais têm aumentado no Brasil. Assim, muitos estudos etnobiológicos vêm sendo realizados no Brasil, sendo a etnobotânica um dos campos mais desenvolvidos, devido ao seu caráter interdisciplinar na busca de entender as inter-relações entre os seres humanos e as plantas. O estudo foi realizado na comunidade do Sítio Palmeira no município de Cuitegi, localizado no estado da Paraíba (Nordeste do Brasil), na Mesorregião do Agreste paraibano e na Microrregião de Guarabira-PB, tendo como objetivo registrar o uso e importância das plantas medicinais utilizadas pelas mulheres da comunidade do Sítio Palmeira. Realizaram-se entrevistas semiestruturadas com 40 mulheres, aplicando-se o índice de Importância Relativa (IR), realizando distinção entre as citações do valor de uso atual (VUatual) e valor potencial (VUpotencial). Foram registradas 140 espécies pertencentes a 63 famílias e para esse total obtivemos 92 indicações terapêuticas. A espécie mais citada foi *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (erva-cidreira), com 43 citações. A família botânica Lamiaceae com (10), se destacou quanto ao número de espécies representadas. Considerando a importância relativa (IR), a espécie que possui o maior valor foi *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. (Capim santo) com IR=1,75. Quanto às partes das plantas mais utilizadas pelas mulheres, destacam-se as folhas com 440 citações. O modo de preparo mais utilizado foi: infusão (chá abafado) com 215 citações e decoto (chá cozido) com 194 citações. Quanto ao VUatual e VUpotencial destacaram-se o *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. (Capim santo) quanto o VUpotencial= 0,27 e em VUatual= 0,77. As indicações de uso terapêuticas mais enfatizadas foram: tosse (143 citações) e dor de barriga (87 citações). Os transtornos do sistema respiratório e digestório com 217 citações obteve destaque dentre os sistemas corporais. A perpetuação do conhecimento das (85%) mulheres afirmou que ensina como é feito os preparos caseiros, para seus familiares. Entende-se, que o amplo conhecimento sobre as plantas usadas pelas moradoras da comunidade dar-se através da propagação do conhecimento tradicional compartilhado entre os membros de uma mesma família. No entanto, é indispensável à realização de mais estudos etnobotânicos nessa comunidade, na perspectiva conservacionista das plantas medicinais.

Palavras chave: medicina popular, etnobotânica, conhecimento tradicional.

Abstract

Knowledge and use of medicinal plants in a rural community in the municipality of Cuitegi, Paraíba, Northeast of Brazil. Traditional communities are responsible for keeping a large cast of cultivated plants to supply food, industrial or medical needs. Traditional knowledge provides important data for new scientific discoveries, and in this scenario, the research on the use of medicinal plants has increased in Brazil. So many ethnobiological studies have conducted in Brazil, and the ethnobotany of the most developed fields, due to its interdisciplinary character in the quest to understand the interrelationships between humans and plants. The study was conducted at the site in the community of Sitio Palmeira, Cuitegi, located in the state of Paraíba (Northeast of Brazil). Semi-structured interviews were conducted with 40 women, applying the index of Relative Importance (RI), making distinction between the quotes of the value of current use (VU_{atual}) and potential value (VU_{potencial}). 140 species belonging to 63 families and this total we obtained 92 therapeutic indications were recorded. The most cited species was *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (lemongrass), with 43citações. The botanical family Lamiaceae with (10), stood out as the number of species represented. Considering the relative importance (RI), the species that has the highest value was *Cymbopogon citratus* (DC). Stapf. (Holy grass) with RI = 1.75. For parts of the plants most used by women, stand-sheets with 440 citations. The method of preparation used most was: infusion (tea muffled) with 215 citations and decoct (boiled tea) with 194 citations. Regarding VU_{atual} and VU_{potencial} highlights were *Cymbopogon citratus* (DC). Stapf. (Holy grass) as VU_{potencial}= 0.27 and VU_{atual}= 0.77. The indications for therapeutic use most emphasized were: cough (143 citations) and stomach ache (87 citations). Disorders of the respiratory and digestive system with 217 citations was highlighted among the bodily systems. The perpetuation of the knowledge of the women interviewed reported (85%) that teaches how it has done homemade preparations for their relatives. It has understood that the broad knowledge about the plants used by the residents of the community to give through the propagation of traditional knowledge shared between members of the same family. However, it is essential for completing more ethnobotanical studies in this community, the conservationist perspective of medicinal plants.

Keywords: folk medicine, ethnobotany, traditional knowledge.

Introdução

As comunidades rurais são responsáveis por manter um grande elenco de plantas nativas e exóticas, para suprir as mais variadas necessidades, principalmente as alimentícias e as médicas, dessa forma, o conhecimento empírico destas populações, pode fornecer informações importantes para pesquisas e assim, muitas descobertas científicas (Albuquerque 2005; Ministério da Saúde 2006; Alencar 2012). Segundo Albuquerque (2010), plantas medicinais são espécies vegetais que possuem diversos tipos de princípios ativos, que podem atuar nos organismos humanos e animais, no combate a diversas doenças, eliminando agentes causadores, como vermes, fungos e bactérias, além de oferecer uma forte ação preventiva, contra estas e muitos outros problemas de saúde.

Com esse intuito, as pesquisas registrando o conhecimento e uso de plantas em comunidades tradicionais, vem aumentando gradativamente no mundo inteiro, mas no Brasil, devido à enorme diversidade vegetal e cultural, diversos estudos etnobotânicos, principalmente sobre o uso de plantas medicinais pelas comunidades tradicionais, foram e continuam sendo realizados (Vendruscolo e Mentz 2006a; Sousa et al. 2007; Mosca e Loiola 2009; Maia et al. 2011; Cabral e

Maciel 2011; Paulino et al. 2011; Alencar 2012; Freitas et al. 2012; Lacerda et al. 2013).

Os conhecimentos práticos das comunidades tradicionais sobre as plantas medicinais, estão intimamente relacionados aos recursos naturais disponíveis e a seu patrimônio cultural, sendo uma reprodução sociobiocultural e econômica de seus antepassados, que vem sendo transmitido para as gerações atuais. Pois, as plantas medicinais e seus derivados vêm, há muito tempo, sendo utilizados pelas populações locais, nos seus cuidados básicos de saúde, com destaque para as comunidades indígenas, quilombolas e rurais, através da transmissão oral de conhecimentos entre as gerações (Ministério da Saúde 2009; Oliveira et al. 2009; Lacerda et al. 2013).

Nesse contexto, Oliveira et al. (2009), argumentam que o caráter interdisciplinar dos estudos etnobotânicos, colabora para uma diversidade de tópicos que podem ser abordados e associados aos fatores culturais e ambientais, como as inter-relações entre as plantas e os seres humanos no seu cotidiano. Por isso, os estudos etnobotânicos têm se destacado ao fornecer informações importantes, registrando e levantando dados sobre o conhecimento, uso e conservação de

espécies vegetais, como foco na medicina popular.

A partir desse contexto, este estudo etnobotânico foi realizado em uma área do agreste paraibano (Nordeste do Brasil), caracterizada como uma zona intermediária entre as faixas de umidade vindas do litoral e pela semiaridez. Com temperatura agradável, recebendo parte das chuvas orográficas do Brejo da Paraíba, desviadas pelos ventos que esbarram nos contrafortes da Borborema (Duque 2004), nesta região existem espécies vegetais pertencentes à caatinga, entremeadas por fragmentos de mata atlântica, o que colabora para uma grande riqueza de espécies. Entretanto, a vegetação primitiva da região do agreste foi quase totalmente devastada e os solos intensamente ocupados por práticas agropecuárias (Ab'Saber 2009).

Mesmo assim, as plantas medicinais nas áreas do agreste nordestino possuem uma vasta importância, principalmente diante do grande fluxo de comercialização em mercados e feiras livres, que continuam alimentando a medicina popular, com um arsenal diversificado de conhecimento e plantas, com vasta procura pelas pessoas em geral, que continuam acreditando em seus benefícios (Ramos et al. 2005).

Dessa forma, esta pesquisa objetivou registrar o uso e a importância das plantas medicinais utilizadas pelas mulheres da comunidade do Sítio Palmeira, no município de Cuitegi, Paraíba, Nordeste do Brasil, partindo do pressuposto em que as donas de casa possuem um maior conhecimento medicinal da flora local, através da aplicação do cálculo do valor de uso (VU), levando-se em consideração o VU atual e o VU potencial, e identificando através da Importância Relativa (IR) quais as plantas medicinais mais importantes para os moradores da região.

Material e métodos

Área de estudo

O município de Cuitegi está localizado nas coordenadas geográficas, 06°53'36"S e 35°31'24"W, no estado da Paraíba, Nordeste do Brasil, especificamente na mesorregião do agreste paraibano e na microrregião de Guarabira, distando aproximadamente 78 km da capital do estado, João Pessoa e limitando-se com os municípios de Pilõeszinhos (Norte), Alagoinha (Sul), Guarabira (Leste) e Pilões (Oeste) todos pertencentes ao estado da Paraíba (Figura 1). O acesso é feito pelas rodovias estaduais PB-075 e PB-076 (CPRM 2005).

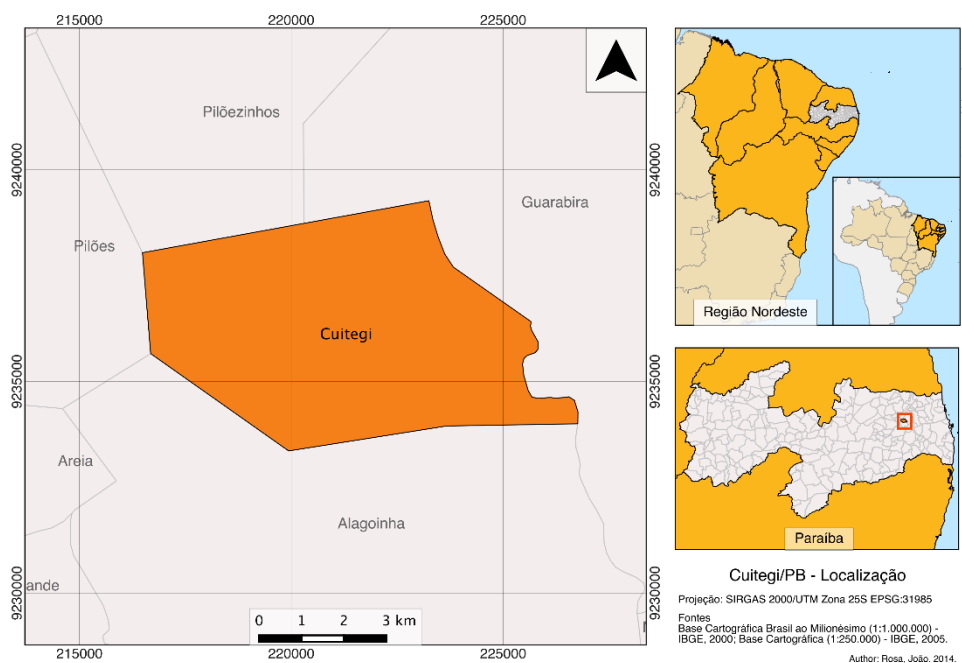


Figura 1. Localização da área de estudo, no município de Cuitegi, Paraíba, Nordeste do Brasil.

O município possui uma área territorial de 39,3 km², com a população de 6.889 habitantes, onde 81,40% da população residem na área urbana e 18,60% na zona rural, sendo dividida entre 49,20% homens e 50,80% mulheres (IBGE 2010). O relevo do município pertence à parte oriental da escarpa do Planalto da Borborema.

No que se refere às condições climáticas, o clima apresenta características pela classificação de Köppen, do tipo As', com clima tropical e estação seca no verão (Peel, Finlayson, McMahon 2007), ocorrendo chuvas de outono a inverno, com períodos de estiagem entre cinco e seis meses. Geralmente a época chuvosa inicia-se no mês de fevereiro ou março, prolongando-se até julho ou agosto, propiciando a formação de córregos perenes, tendo como principal curso fluvial o rio Araçagi, que pertence a Bacia hidrográfica do rio Mamanguape. Por conta destas condições, a vegetação é formada por florestas subcaducifólias, próprias das áreas de agreste (CPRM 2005).

Sítio Palmeira

A comunidade rural Sítio Palmeira, dista 2 km da rodovia estadual PB-076 e 3 km do centro da cidade de Cuitegi, tendo a principal via de acesso à comunidade, parte com perímetros pavimentados e outros em estrada sem pavimentação. Não há rede de abastecimento e esgoto sanitário e a principal atividade econômica desenvolvida pelos moradores é a agricultura familiar, que tem como principais cultivos o milho, feijão, mandioca, batata e inhame, onde esses plantios são conduzidos nas proximidades das casas e em roçados, bem como pequenas criações de bovinos, equinos, ovinos, caprinos e aves.

O abastecimento de água é fornecido através de pequenos mananciais hídricos, compostos de fontes naturais, poços, cisternas, além do atendimento com carros pipa, que visitam periodicamente a comunidade.

Em relação ao serviço de saúde, a comunidade dispõe de um posto de saúde que recebe visitas mensais da equipe de atendimento do Programa de Saúde da Família (PSF). Há apenas uma escola municipal de ensino fundamental primeira

fase, uma capela da religião católica, uma unidade religiosa evangélica e uma associação dos moradores.

Coleta dos dados

As informações etnobotânicas para o desenvolvimento desta pesquisa, foram realizadas entre os anos de 2013 e 2014, onde num período de um ano, foram visitadas 40 famílias, tendo como público alvo as mulheres (donas de casas).

Com o intuito de registrar o conhecimento local sobre os recursos vegetais, foram utilizadas entrevistas semiestruturadas, na qual as perguntas são parcialmente formuladas pelo pesquisador antes de ir a campo, podendo apresentando grande flexibilidade, o que permite inserir novos elementos, que possam ir surgindo durante a realização da entrevista (Albuquerque et al. 2010).

O formulário utilizado nas entrevistas constituiu por questões de caráter socioeconômico e informações sobre o conhecimento e uso das plantas medicinais encontradas na região, onde inicialmente foi apresentado aos informantes o termo de consentimento livre esclarecido, exigido pelo Conselho Nacional de Saúde por meio do Comitê de Ética em Pesquisa (Resolução 196/96). Todo o material vegetal citado pelos informantes coletado em campo e levado para o Herbário Jaime Coelho de Moraes, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Campus II, no Centro de Ciências Agrárias (CCA), Areia- PB, onde foi devidamente identificado, processado e incorporado à coleção do mesmo.

Análise dos dados

Para a análise dos dados utilizou-se a técnica do valor de uso (VU), onde $VU = U_i/n$; em que: U_i =número de citações de uso, mencionados por cada informante, n =número total de informantes, com a distinção entre as citações de valor de uso atual (VUatual) e valor de uso potencial (VUpotencial), onde o VUatual, considera os usos que os informantes efetivamente utilizam em seu cotidiano, e o VUpotencial, considera os usos que são apenas conhecidos e não mais utilizado por elas (Rossato et al. 1999; Lucena et al. 2009).

Para cada espécie citada, coletada e identificada, foi calculado a importância relativa (IR), baseando-se na proposta de Bennett e Prance (2000), onde $IR = NSC + NP$, onde: IR=importância relativa; NSC=número de sistemas corporais; NP=número de propriedades. Os dois fatores são calculados pelas seguintes fórmulas: $NSC = NSCE / NSCEV$ e $NP = NPE / NPEV$, onde: NSCE=corresponde ao número de sistemas corporais tratados por uma determinada espécie, (NSE); sobre o número total de sistemas corporais tratados pela espécie mais versátil (NSCEV); o e NP=número de propriedades atribuídas para uma determinada espécie (NPE); sobre o número total de propriedades atribuídas às espécies mais versátil (NPEV) (Albuquerque et al. 2010). Esta proposta é bastante empregada no estudo de plantas medicinais, na qual a planta mais versátil, ou de maior número de indicações terapêuticas é a mais importante, fazendo uma ligação com os sistemas corporais a qual pertencem as doenças que são tratadas.

Resultados e discussão

Foram registradas 139 espécies (duas não identificadas) pertencentes a 63 famílias botânicas, sendo: Lamiaceae (10 espécies), Fabaceae (9 espécies), Myrtaceae (7 espécies), Asteraceae (6 espécies), Cucurbitaceae, Malvaceae e Rubiaceae (5 espécies), Anacardiaceae, Apiaceae, Bignoneaceae, Euphorbiaceae, Rutaceae, Solanaceae, Verbenaceae e Zingiberaceae (4 espécies), Amaranthaceae e Liliaceae (3 espécies), Arecaceae, Cactaceae, Lauraceae, Moraceae e Poaceae (2 espécies) e Acanthaceae, Annonaceae, Amaryllidaceae, Apocynaceae, Aristolochiaceae, Bixaceae, Boraginaceae, Brassicaceae, Bromeliaceae, Capparaceae, Caprifoliaceae, Caricaceae, Celastraceae, Caryophyllaceae, Celastraceae, Chenopodiaceae, Commerliacea, Convolvulaceae, Crassulaceae, Cecropiaceae, Geraniaceae, Linaceae, Loasaceae, Malpighiaceae, Musaceae, Nyctaginaceae, Olacaceae, Oxalidaceae, Passifloraceae, Papaveraceae, Pedaliaceae, Phytolaccaceae, Piperaceae, Plantaginaceae, Punicaceae, Rhamnaceae,

Rosaceae, Sapindaceae, Scrophulariaceae, Turneraceae, Violaceae e Vitaceae (1 espécie) (Tabela 1). Estudos etnobotânicos realizados por Mosca e Loiola (2009), confirmam os resultados deste estudo, pois as famílias mais citadas, geralmente são cultivadas nos quintais, hortas e jardins nas proximidades das residências.

Nas entrevistas foram obtidas 92 indicações terapêuticas, com as mais diferentes citações de uso, sendo contra a tosse (143 citações), dor de barriga (87 citações), inflamações diversas (71 citações), gripe (62 citações), febre (47 citações), ansiedade (41 citações), ferimentos em geral (28 citações), empachamento (18 citações), dor de ouvido e contra vermes (17 citações), gastrite (16 citações), inflamação da garganta (15 citações), inflamação no útero e pressão alta (13 citações), acidente vascular cerebral - AVC (12 citações), cólica menstrual e falta de apetite (11 citações), dor no estômago (8 citações), diabetes, diarreia, dores em geral, fraturas e queda de cabelo (7 citações), amebíase e pedra nos rins (6 citações), má digestão, diminuição do fluxo menstrual, inflamação nos rins, mal estar em geral e problemas cardíacos (5 citações), dores de cabeça e coluna, infecção urinária e sinusite (4 citações), dor de dente, hemorroida, inflamação nos olhos, nascimento de dentes em criança e rouquidão (3 citações), anemia, câncer, cansaço, caspa, cicatrizante, colesterol alto, conjuntivite, dores de garganta e nas pernas, micose, hemorragia, hérnia, inflamações nos dentes e na pele, insônia, limpeza intestinal, resguardo, pancadas em geral, perder peso, pressão baixa e reumatismo (2 citações), abortivo, bronquite, combate ao câncer de próstata, coceira vaginal, cólica em criança, cólica intestinal, descongestionante nasal, desidratação, doenças em geral nas crianças e nos olhos, dores nos rins, epilepsia, estancar sangramentos, icterícia, inchaço nas pernas, infecção intestinal, inflamações na próstata e no fígado, má digestão, machucados em geral, miomas, calvície, erisipela, pneumonia, cansaço e vômito (1 citação).

Estes resultados foram semelhantes aos reportados por Albuquerque et al. (2010), onde as doenças mais tratadas com o uso de plantas medicinais na região

Nordeste, são as que agridem o sistema respiratório, como gripes, resfriados, tosses, além das que atacam o sistema digestório como problemas de digestão, empachamento, azia, diarreia. O que também foram mencionados por Freitas et al. (2012), em trabalho etnobotânico, sobre o uso de plantas medicinais oriundas de quintais, em uma comunidade rural no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. Além de resultados encontrados em estudos desenvolvidos por Almeida e Albuquerque (2002), em áreas de caatinga no Nordeste do Brasil.

A matriz do conhecimento evidenciou entre as informantes, teve como foco o conhecimento vertical com (82,5%) e o conhecimento circular (17,5%).

Dessa forma, observa-se que o conhecimento sobre as plantas medicinais e suas preparações é repassado entre as gerações permanecendo em mesma linhagem familiar.

Resultados similares foram encontrados em levantamentos de uso de plantas medicinais na Bahia, Nordeste do Brasil, estudo realizado por Silva et al (2012) no qual, o maior percentual dos entrevistados adquiriu o conhecimento através dos pais, avós, parentes e amigos próximos.

Em relação ao número de citações, destacaram-se, a erva cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N.E.Br.) (43 citações), seguida pelo capim santo (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf.) (42 citações), caju roxo (*Anacardium humile* A. St. Hil.) (36 citações), hortelã da folha grossa (*Plectranthus amboinicus* L.) (34 citações), hortelã da folha miúda (*Mentha x piperita* L.) (30 citações), mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L.) e colônia (*Alpinia zerumbet* (Pers.) B.L. Burtt. & R. M. Sm.) (29 citações) (Tabela 1).

Essas espécies são geralmente cultivadas nos quintais, hortas e jardins dos informantes, onde os mesmos afirmam que às propriedades medicinais e sensoriais destas espécies são muito características, favorecendo a principal forma de consumo os chás. O consumo destas espécies é realizado preferencialmente através de chá por infusão (abafado) das folhas, no tratamento de dor de barriga, empachamento, anemia, diarreia, má

digestão, pressão alta, insônia e febre, e baseado nisso, muitos estudos farmacológicos vêm sendo realizados com essas espécies, a fim de descobrir novos princípios ativos e o real motivo de seus poderes curativos.

De acordo com Lorenzi e Matos (2002), as pesquisas etnofarmacológicas registram o uso do chá da erva cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N.E.Br.), tanto em função do sabor agradável, como também pelas propriedades calmante, analgésica, sedativa, ansiolítica e mucolítica. Segundo Tavares et al. (2011), o nome popular “cidreira” é utilizada para *Lippia alba*, mas é também utilizada em várias regiões do Brasil, para designar muitas outras espécies aromáticas e medicinais, pertencentes as mais variadas famílias botânicas, sendo principalmente o capim santo (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf.) o mais confundido. Muitos estudos etnobotânicos citam a erva cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N.E.Br.), como nos resultados obtidos na comunidade urbana de Muribeca, Jaboatão dos Guararapes-PE, Nordeste do Brasil, desenvolvida por Oliveira et al. (2010), onde a referida espécie é citada no tratamento de diversas doenças relacionadas ao sistema nervoso, devido à ação calmante e analgésica.

Já em relação ao capim santo (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf.), Barbosa et al., (2012), investigando plantas medicinais na comunidade quilombola da Barra II na Bahia, reportou que 56% dos informantes utilizam essa espécie nas preparações caseiras principalmente como anti-hipertensivo. A partir do conhecimento empírico, obtido nos estudos etnobotânicos como este, muitas plantas passam a ser estudadas em laboratórios a fim de se identificar o porquê de seus usos, pelas comunidades tradicionais, como é o caso do capim santo (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf.), onde muitos estudos evidenciam seu poder antimicrobiano, que resulta na cura de infecções diversas (Shah et al. 2011; Carmo et al. 2012) e sua forte ação antioxidante (Cheel et al. 2005; Campos et al. 2014), o que poderá ser utilizado no combate a carcinomas e envelhecimento precoce.

Outra espécie que merece ser destacada pois foi amplamente citada, é o

caju roxo ou cajuí (*Anacardium humile* A. St. Hil), que vem sendo estudado no combate a doenças gástricas como úlceras e gastrites (Luiz-Ferreira et al. 2008).

Em estudos sobre o conhecimento popular de plantas medicinais no município de Pombal-PB, Lacerda et al.(2013), constataram que 34% dos informantes da comunidade estudada, usam a hortelã de folha grossa (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spr.), contra os sintomas de resfriados, sinusite e gripes. Chang et al. (2010), reportaram que o uso desta espécie, pode ser efetivo também contra doenças reumáticas como artrites e artroses.

Em levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas na cidade de Vilhena, Rondônia, desenvolvido por Lima et al. (2011), a hortelã de folha miúda (*Mentha x piperita* L.) obteve destaque entre as plantas medicinais utilizadas, principalmente contra as afecções que atacam o sistema respiratório (tosse, gripe, bronquite). Alguns estudos farmacológicos reportaram para esta espécie, alta atividade antioxidante, eficiência no tratamento de infecções e melhoramento do sistema imunológico (Cosentino et al. 2009; Bassolé et al. 2010).

Na pesquisa desenvolvida por Aguiar e Barros (2012), sobre o uso de plantas medicinais cultivadas em quintais de comunidades rurais no domínio do cerrado piauiense, o mastruz (*Chenopodium ambrosioides*), destacou-se dentre as espécies medicinais utilizadas pelos mantenedores dos quintais. É utilizada principalmente no combate à gripe, tosses, verminoses e ferimentos em geral. Segundo Barros et al (2013), o mastruz (*Chenopodium ambrosioides* L) pode ser eficiente contra atividade antimicrobiana, infecções, diabetes e apresenta um forte poder antioxidante, o que poderia ser utilizado também no tratamento de carcinomas.

Finalizando as principais espécies medicinais citadas pelos moradores do Sítio Palmeira, encontramos a colônia (*Alpinia zerumbet* (Pers.) B.L. Burt. & R. M. Sm.), importante agente antimicrobiano, e na cura de doenças cardiovasculares e nos sistemas nervoso central e muscular (Elzaawely et al. 2007; Barcelos et al. 2010; Chan et al. 2011; Maia 2011).

No que diz respeito às partes das plantas utilizadas pelas mulheres nos preparos caseiros, destacaram-se as folhas com (440 citações), as cascas (130 citações), os frutos (72 citações), as flores (68 citações), o látex (44 citações), as sementes (27 citações), os bulbos (17 citações), as entrecascas (14 citações) e as raízes (5 citações). Assim, o tratamento de doenças com base na fitoterapia utiliza-se de diversas partes das plantas, como: raízes, cascas, folhas, frutos e sementes, de acordo com as ervas em questão. Há também diferentes formas de elaboração, sendo o chá a mais utilizada, nos preparos de decocção ou infusão (Rezende e Cocco, 2002; Oliveira, et al, 2010).

As espécies que se destacaram quanto ao uso das folhas foram: erva cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N.E.Br.) e capim santo (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf.), hortelã da folha grossa (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spr.) e hortelã de folha miúda (*Mentha x piperita* L.). Em estudos realizados por Oliveira e Menini Neto (2013), em Lima Duarte-MG, revelou-se que o uso das folhas também teve destaque, esse fato pode se justificar, pela facilidade de coleta e disponibilidade.

Quanto ao modo de preparo, as formas mais usadas pelas informantes foram: infusão (chá abafado) (215 citações), decocto (chá cozido) (194 citações), lambedor (113 citações), o molho (85 citações), banho (49 citações), suco (47 citações), uso tópico (38 citações), garrafada (23 citações), sumo (19 citações), inalação (5 citações). Analisando os dados obtidos, observa-se que no inventário etnobotânico realizado por Sousa et al. (2007) na comunidade de Machadinho-BA, os resultados dessa pesquisa também apresentaram o uso da infusão nos preparos com as plantas citadas, e esse fator se explica devido à grande parte dos remédios serem preparados com as folhas dos vegetais, além da disponibilidade de encontrar esse recurso.

Nas preparações dos chás e lambedores, as espécies que lideraram foram a *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br. (erva cidreira), *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. (Capim santo) e *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spr. (Hortelã da folha grossa). Já no caso dos molhos e banhos as plantas de

destaque são: *Anacardium humile* A. St. Hil. (Cajú roxo) e a *Myracrodruon urundeuva* Allemão (aroeira). O chá é uma das formas mais comuns praticada na medicina tradicional entre os diferentes grupos populacionais (Albuquerque, 2010), é preparado geralmente em doses individuais para consumo rápido, pois deixando para o dia seguinte, fermenta e estraga (Soares, 2006).

O capim santo (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf.), destacou-se, como a espécie de maior importância relativa (IR=1,75), demonstrando ser a espécie mais versátil, sendo utilizado nas preparações caseiras de infusão e decoto, no tratamento de dor de barriga, cólicas intestinais, empachamentos, falta de apetite, mal-estar, má digestão, calmante, pressão alta, diarreia, inflamação, febre, cólica em crianças, dentre outras. Seu uso é muito difundido de Norte a Sul do Brasil, tem ação calmante, espasmolítica, analgésica e contém um pouco menos de 0,5% de óleo essencial além de atividade antimicrobiana, formado principalmente por citral, a qual se atribui à capacidade de calmante (Lorenzi e Matos, 2002).

Mas outras espécies merecem destaque, como caju roxo (*Anacardium humile* A. St. Hil. (IR=1,63)), hortelã de folha miúda (*Mentha x piperita* L. (IR=1,56)), aroeira (*Myracrodruon urundeuva* Allemão (IR= 1,32)), erva cidreira (*Lippia alba* (Mill) N.E.Br. (IR=1,32)), mastruz (*Chenopodium ambrosioides* Hance (IR=1,19)), pau d'arco roxo (*Handroanthus impetiginosus* (Mart. ex. DC Mattos) (IR=1,13)), babosa (*Aloe vera* (L.) Burm. F. (IR=1,13)), hortelã de folha grossa (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng (IR=1,07)), urtiga branca (*Aosa rupestris* (Gardner) Weigend (IR=1,01)), macassá (*Aeollanthus suaveolens* Mart. Ex. Spreng (IR=1,01)), arruda (*Ruta graveolens* L. (IR=1)) e o angico (*Anadenanthera colubrina* (Vellozo) (IR=1)) (Tabela 1).

Quanto ao valor de uso das espécies citadas neste trabalho, a rosa branca (*Rosa alba* L.) foi a que apresentou maior VUatual (VU=0,75) e a erva cidreira (*Lippia alba* (Mill.) N.E.Br.), maior VUpotencial (VU=0,87). Tais espécies são

utilizadas no combate a transtornos nos sistemas respiratórios e urinários.

Outras espécies merecem destaques, como o capim santo (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf. (Capim santo)) que destacou-se quanto ao VUatual=0,77, a hortelã de folha grossa (*Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spreng.) com VUatual=0,67 e a arruda (*Ruta graveolens* L.), com um VUatual=0,45 (Tabela 1).

Na pesquisa realizada por Vendruscolo e Mentz (2006b), sobre o uso e importância das espécies utilizadas como medicinais o capim santo (*Cymbopogon citratus*), também se destacou entre as espécies com maior número de usos mencionados quanto ao critério do cálculo de Valor de Uso, sendo uma das espécies de importância para a comunidade estudada.

Quando se abordou às indicações de uso terapêuticas entre as citações das informantes as que mais se enfatizadas foram: tosse (143), dor de barriga (87), inflamação no geral (71), gripe (62), febre (47), ansiedade (41), ferimentos (28), empachamento (18), dor de ouvido (17), verminose (17) e gastrite (16). Onde os sistemas corporais que mais tiveram destaque foram: os transtornos do sistema respiratório com (217), seguido transtornos do sistema digestório (172), afecções e dores não definidas com (156), transtorno do sistema nervoso (55), transtorno do sistema urinário (36), lesões cutâneas (30), transtornos do sistema cardiovascular (27), doenças infecciosas e parasitárias (22), transtornos do sistema sensorial (26), debilidade física e mental (13) e neoplasias (5). Segundo Almeida e Albuquerque (2002), os tipos de sistemas corporais, mais comum de serem mencionados pelos informantes em estudos etnobotânicos são: os sistemas digestório, respiratório e as afecções do tecido subcutâneo e pele.

Em estudos realizados por Aguiar e Barros (2012), no estado do Piauí, Nordeste do Brasil, tiveram dados que corroboraram com as informações obtidas nessa pesquisa, apresentado também destaque para o sistema respiratório e digestório quanto às citações de indicações terapêuticas das plantas medicinais.

A perpetuação do conhecimento e o uso das espécies vegetais na medicina

tradicional 85% das mulheres entrevistadas afirmaram que, ensina como é feito os preparos caseiros com as ervas medicinais principalmente para seus filho e netos. Assim, as informantes demonstraram que há satisfação e vontade de permanecer vivo esse conhecimento entre seus descendentes.

Contraopondo-se a 15% argumentaram que não ensinam esse conhecimento visto que, existe pouco interesse por parte de alguns moradores da comunidade além, de ter medo em intoxicar as pessoas que irão fazer o uso destas plantas. Cunha e Bortolotto (2011), afirmam que a perpetuação do conhecimento pode ser transmitida para os filhos, irmãos, vizinhos e conhecidos mais próximos, oralmente acompanhadas de experiências e práticas.

Ao discutirmos os usos das plantas medicinais nas preparações caseiras em tratamento primário contra as enfermidades, 82,5% responderam que, inicialmente se a doença aparentemente não for grave faz o uso das plantas medicinais. Já 15% mencionaram que preferem os medicamentos de farmácia e 2,5% argumentaram que utilizam os medicamentos caseiros e também os de farmácia.

Os estudos de Carvalho *et al.* (2013), realizados sobre o uso de plantas medicinais na comunidade de Várzea, Garanhuns-PE, Nordeste do Brasil, encontrou-se resultados semelhantes quanto ao uso de plantas medicinais, onde os informantes afirmaram utilizar os remédios caseiros feitos com as plantas, quando estão doentes e também obtêm resultados positivos com esse tipo de tratamento.

Os informantes afirmam sua preferência por conservar as plantas medicinais em seus quintas e jardins, pois isto facilita a coleta, além de manterem as espécies com melhor qualidade. A importância de cultivar esses vegetais nas proximidades das residências é uma forma de mantê-los em ambientes limpos e longe de produtos químicos, mantendo a qualidade das plantas e de suas preparações com fins medicinais (Badke, et al., 2012).

Conclusão

Verificou-se, que na comunidade do Sítio Palmeira, os moradores conhecem uma grande quantidade de plantas nativas e exóticas, pertencentes a diversas famílias botânicas, destacando-se as espécies: *Lippia alba* (Mill.) N.E.Br., *Rosa alba* L., *Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf, *Plectranthus amboinicus* (Lour.) Spr. *Anacardium humile* A. St. Hil. e *Mentha x piperita* L.

Dentro do universo das famílias botânicas a Lamiaceae foi a mais representativa em número de indivíduos citadas para fins medicinais. Geralmente são cultivadas nos quintas e jardins, e apresentou-se uma grande diversidade de indicações terapêuticas, principalmente na forma de chá, cuja parte das plantas mais utilizadas são as folhas.

OS resultados obtidos através do VUatual e VUpotencial, constataram que muitas espécies são ou poderão ser utilizadas pelos informantes, além de possuir grande representatividade para as mais diversas enfermidades.

Entende-se, que o amplo conhecimento sobre as plantas usadas pelas moradoras da comunidade dar-se através da propagação do conhecimento tradicional compartilhado entre os membros de uma mesma família, esse fato só reforça a importância de manter-se vivo esse elo entre as novas gerações. Logo, o resgate do conhecimento local sobre as indicações terapêuticas das espécies vegetais pode fornecer contribuições para a conservação e manejo dos recursos naturais, além de especificar a riqueza cultural das práticas utilizadas no trato das plantas medicinais, fortalecendo os vínculos entre os moradores da comunidade e os seus recursos naturais. No entanto, é indispensável à realização de mais estudos etnobotânicos nessa comunidade, na perspectiva conservacionista das plantas medicinais.

Referências

- AB'SABER, A. N. **Ecosistema do Brasil**. São Paulo: Metalivros, 2009. p. 285.
- AGUIAR, L.C.G.G.; BARROS, R.F.M. Plantas medicinais cultivadas em quintais de comunidades rurais no domínio do cerrado piauiense (Município de Demerval Lobão, Piauí, Brasil). **Rev. Bras. Pl. Med.**, Botucatu, v.14, n.3, 2012, p.419-434.
- ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução à etnobotânica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Interciência, 2005. p.93.
- ALBUQUERQUE, U. P. **Catálogo de plantas medicinais da Caatinga: guia para ações de extensão**. Bauru, SP: canal 6, 2010. 68.p.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA.R.F.P.; ALENCAR, N.L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobiológicos. In: ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA.R.F.P.; CUNHA, L.V.F.C. **Métodos na pesquisa etnobiológica e etnoecológica**. NUPEEA, 2010. 559 p.
- ALBUQUERQUE, U. P.; NUNES, A. T.; ALMEIDA, A. L. S.; ALMEIDA, C. M. A. D.; LINS NETO, E. M. F.; VIEIRA, F. J.; SILVA, F. S.; SOLDATI, G. T.; NASCIMENTO, L. G. S.; SANTOS, L. L.; RAMOS, M. A.; CRUZ, M. P.; ALENCAR, N. L.; MEDEIROS, P. M.; ARAÚJO, T. A. S.; NASCIMENTO V. T. **Caatinga: biodiversidade e qualidade de vida**. Bauru- SP: Canal 6, 2010.
- ALENCAR, N. L. **Farmacopeias tradicionais o papel das plantas medicinais na sua constituição, formação e manutenção em comunidades da Caatinga**. Tese apresentada ao programa de pós-graduação em botânica. Universidade federal rural de Pernambuco, Recife-PE, 2012.
- ALMEIDA, C.F.C.B.R.; ALBUQUERQUE, U.P. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. **Rev. Interciência**, n°6, v°. 27, 2002. p.276-285.
- BADKE, M. R.; BUDÓ, M. L. D.; ALVIM, N. A. T.; ZANETTI, G. D.; HEISLER, E. V. Saberes e práticas populares de cuidado em saúde com o uso de plantas medicinais. Florianópolis: **Texto Contexto Enferm**, n°21 v°2, 2012, p 363-70.
- BARBOZA, S.N.C.; DELFINO REGIS, A. C.; ESQUIBEL, M.A.; do ESPÍRITO SANTO SANTOS, J.; ALMEIDA, M. Z. Uso de plantas medicinais na comunidade quilombola da Barra II - Bahia, Brasil. **Boletín Latinoamericano y del Caribe de Plantas Medicinales y Aromáticas**. v. 11, n°5, 2012, p. 435-453.
- BARCELOS, F. F.; OLIVEIRA, M. L.; GIOVANINNI, N. P. B.; LINS, T.P.; FILOMENO, C.A.; SCHNEIDER, S.Z.; PINTO, V.D.; ENDRINGER, D.C.; ANDRADE, T.U. Estudo químico e da atividade biológica cardiovascular do óleo essencial de folhas de *Alpinia zerumbet* (Pers.) B. L. Burt & R.M.Sm. em ratos. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v. 12, n. 1, p.48-56, 2010.
- BARROS, L., PEREIRA, E., CALHELHA, R.C., DUEÑAS, M., CARVALHO, A.M., SANTOS-BUELGA, C.; FERREIRA, I. C. F. R. Bioactivity and chemical characterization in hydrophilic and lipophilic compounds of *Chenopodium ambrosioides* L. **Journal of Functional Foods**, 2013.
- BASSOLÉ, I. H.; LAMIEN-MEDA, A.; BAYALA, B., TIROGO, S., FRANZ, C., NOVAK, J., NEBIÉ, R. C., DICKO, M. H. Composition and antimicrobial activities of *Lippia multiflora* Moldenke, *Mentha x piperita* L. and *Ocimum basilicum* L. essential oils and their major monoterpene alcohols alone and in combination. **Molecules**, Basel, v. 15, n. 11, p.7825-7839, 2010.
- BENNETT, B.C.; PRANCE, G.T. Introduced plants in the indigenous pharmacopeia of Northern South America. **Rev. Economic Botany**, 54, 2000, p.90-102.
- CABRAL, G.A.L.; MACIEL, J.R. Levantamento etnobotânico da coleção de plantas medicinais do Jardim Botânico do Recife PE. **Rev. de Biologia e Farmácia** (Biofar v°06, n°02, 2011.p. 121-129.

- CAMPOS, J.; SCHMEDA-HIRSCHMANN, G.; LEIVA, E.; GUZMÁN, L.; ORREGO, O.; FERNÁNDEZ, P.; GONZÁLEZ, M.; RADOJKOVIC, C.; ZUÑIGA, F. A.; LAMPERTI, L.; PASTENE, E.; AGUAYO, C. Lemon grass (*Cymbopogon citratus* (D.C) Stapf) polyphenols protect human umbilical vein endothelial cell (HUVECs) from oxidative damage induced by high glucose, hydrogen peroxide and oxidised low-density lipoprotein. **Food Chemistry**, v. 151, p.175-181, 2014.
- CARMO, E. S.; PEREIRA, F. de O.; MOREIRA, A. C. P.; BRITO, L. L.; GAYOSO, C. W.; COSTA, J. G. M. da; LIMA, E. O. Essential oil from *Cymbopogon citratus* (DC) Stapf: a promising natural product against *Malassezia* spp. **Rev Inst Adolfo Lutz**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 71, p.386-391, 2012.
- CARVALHO, J.S.B.; MARTINS, J.D.L.; MENDONÇA, M.C.S.; LIMA, L.D. Uso popular das plantas medicinais na comunidade de Várzea, Garanhuns-PE. **Rev. de Biologia e Ciência da Terra**. v.13, n.2, 2013, p.58-62.
- CHAN, E. W. C.; LIM, Y. Y; WONG, S. K. Antioxidant properties of ginger leaves: An overview. **Free Radicals and Antioxidants**, v. 1, n. 1, p.6-16, 2011.
- CHANG, J. M.; CHENG, C. M.; HUNG, L. M.; CHUNG, Y. S.; WU, R. Y. Potential Use of *Plectranthus amboinicus* in the Treatment of Rheumatoid Arthritis. **Evid Based Complement Alternat Med**, New York, v. 7, n. 1, p.115-120, 2010.
- CHEEL, J.; THEODULOZ, C.; RODRÍGUEZ, J. SCHMEDA-HIRSCHMANN, G. Free radical scavengers and antioxidants from Lemongrass (*Cymbopogon citratus* (DC.) Stapf.). **J Agric Food Chem**, Davis, v. 53, n. 7, p.2511-2518, 2005.
- COSENTINO, M.; BOMBELLI, R.; CONTI, A.; COLOMBO, M. L.; AZZETTI, A.; BERGAMASCHI, A.; MARINO, F.; LECCHINI, F. Antioxidant properties and in vitro immunomodulatory effects of peppermint (*Mentha x piperita* L.) Essential oils in human leukocytes. **Journal of Pharmaceutical Sciences and Research**, v. 1, n. 3, p.33-43, 2009.
- CPRM – Companhia de Recursos Minerais. Diagnóstico do município de Cuitégi estado da Paraíba/ Organizado [por] João de Castro Mascarenhas, Breno Augusto Beltrão, Luiz Carlos de Souza Junior, Franklin de Moraes, Vanildo Almeida Mendes, Jorge Luiz Fortunato de Miranda. Recife: CPRM/PRODEEM, 2005.
- CUNHA, S. A; BORTOLOTTI I. M. Etnobotânica de Plantas Medicinais no Assentamento Monjolinho, município de Anastácio, Mato Grosso do Sul, Brasil. **Rev. Acta Bot. Bras.** vº25, nº3, 2011, p.685- 698.
- DUQUE, J. G. O Nordeste e as lavouras xerófilas. 4 ed. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 2004. 330 p.
- ELZAAWELY, A. A.; XUAN, T. D.; TAWATA, S. Changes in essential oil, kava pyrones and total phenolics of *Alpinia zerumbet* (Pers.) B.L. Burtt. & R.M. Sm. leaves exposed to copper sulphate. **Environmental And Experimental Botany**, Paris, v. 59, n. 3, p.347-353, 2007.
- FREITAS, A. V. L.; COELHO, M. F. B.; MAIA S. S. S.; Azevedo R. A. B. Plantas medicinais: um estudo etnobotânico nos quintais do Sítio Cruz, São Miguel, Rio Grande do Norte, Brasil. Porto Alegre: **Revista Brasileira de Biociências**. v, 10, nº1, 2012 p. 48-59.
- IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo demográfico**, 2010. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br/dados_divulgados/index.php?uf=2> Acesso em 26/09/2013.
- LACERDA, J.R.C.; SOUSA, J.S.; SOUZA, L.C.F.S.; BORGES, M.G.B.; FERREIRA, R.T.F.V.; SALGADO, A.B.; SILVA, M.J.S. Conhecimento popular sobre plantas medicinais e sua aplicabilidade em três segmentos da sociedade no município de Pombal-PB. Patos: **Rev. ACSA Agropecuária Científica no Semiárido**, v.9, nº1, 2013. p. 14-23.
- LIMA, R.A.; MAGALHÃES, S. A.; SANTOS, M.R.A. Levantamento

- etnobotânico de plantas medicinais utilizadas na cidade de Vilhena, Rondônia. **Revista Pesquisa & Criação**, v° 10, n°2, 2011 p.165-179.
- LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. Instituto Plantarum, 2002, 512p.
- LUCENA, R. F. P. de. **Avaliando a eficiência de diferentes técnicas de coleta e análise de dados para a conservação da biodiversidade a partir do conhecimento local. Recife**: Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Botânica da Universidade Federal Rural de Pernambuco, 2009. p. 124.
- LUIZ-FERREIRA, A.; COLA-MIRANDA, M.; BARBASTEFANO, V.; HIRUMA-LIMA, C. A.; VILEGAS, W.; BRITO, A. R. M. S. Should *Anacardium humile* St. Hil be used as an antiulcer agent? A scientific approach to the traditional knowledge. *Fitoterapia*, **Novara**, v. 79, n. 3, p.207-209, 2008.
- MAIA, E.A.; FRANCISCO, J.; PIRES, T.; MANFREDI-COIMBRA, S. O uso de espécies vegetais para fins medicinais por duas comunidades da Serra Catarinense, Santa Catarina, Brasil. **Rev. de Biologia e Ciência da Terra**. v. 11, n, 1, 2011, p.54-74.
- MAIA, Maurício Oliva Nascimento. Efeitos do óleo essencial *Alpinia speciosa* Schum., Zingiberaceae, no sistema nervoso central e muscular. **2011. 50 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Saúde e Ambiente, Universidade Tiradentes, Aracajú, 2011.**
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **A fitoterapia no SUS**. Programa de Pesquisa de Plantas Medicinais de Central de Medicamentos / Ministério da Saúde, Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2006.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Assistência Farmacêutica. **A fitoterapia no SUS**. Programa de Pesquisa de Plantas Medicinais de Central de Medicamentos Departamento de Assistência Farmacêutica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2009.
- MOSCA, V. P.; LOIOLA, M. I. B. Uso de plantas medicinais no Rio Grande do Norte, Nordeste do Brasil. Mossoró: **Revista Caatinga**. v. 22, n, 4, 2009, p.225-234.
- OLIVEIRA, E.R.; MENINI NETO, L. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte – MG. **Rev. Bras. Pl. Med.**, Botucatu, v°14, n°2, 2012, p.311-320.
- OLIVEIRA, F. C.; ALBUQUERQUE, U. P.; FONSECA-KRUEL, V. S.; HANAZAKI, N. Avanços nas pesquisas etnobotânicas no Brasil. **Rev. Acta Bot. Bras.**, v. 23, n° 2, 2009. p.590-605.
- OLIVEIRA, G.L.; OLIVEIRA, A.F.M.; ANDRADE, Plantas medicinais utilizadas na comunidade urbana de Muribeca, Nordeste do Brasil, **Rev. Acta. Bot. Bras.** v°24, n°2, 2010, p.571-577.
- PAULINO, R.C.; HENRIQUES, G.P.S.A.; COELHO, M.F.B.; ARAÚJO, P.V.N. Riqueza e importância das plantas medicinais do Rio Grande do Norte. **Revista de Biologia e Ciência da Terra**. v, 11, n,1, 2011.p.
- PEEL, M. C.; FINLAYSON, B. L.; Mc MAHON, T.A. Updated world map of the Koppen-Geiger climate classification. **Hydrology and Earth System Sciences**, Goettingen, v. 11, p.1633-1644, 11 out. 2007.
- RAMOS, M.A.; ALBUQUERQUE, U.P.; AMORIM, E.L.C. O comércio de plantas medicinais em mercados públicos e feiras livres: um estudo de caso. In: ALBUQUERQUE, U.P.; ALMEIDA, C.F.C.B.R.; MARINS, J.F.A. **Tópicos em conservação etnobotânica e etnofarmacologia de plantas medicinais**. Recife: NUPEEA/ Sociedade Brasileira de etnobiologia e etnoecologia, 2005. p.127-162.

- REZENDE, H. A.; COCCO, M. I.M. SÉRGIO. A utilização de fitoterapia no cotidiano de uma população rural. **Rev. Esc. Enferm. USP**, v°36, n°3, 2002, p.282-288.
- ROSSATO, S. C., LEITÃO FILHO, H.F., BEGOSSI, A. Ethnobotany of Caiçaras of the Atlantic Forest Coast (Brazil). **Economic Botany**, n°53, p.387-395, 1999.
- SHAH, G.; SHRI, R.; PANCHAL, V.; SHARMA, N.; Singh, B.; MANN, A. S. Scientific basis for the therapeutic use of *Cymbopogon citratus*, Stapf (Lemon grass). **J Adv Pharm Technol Res**, Gwalior, v. 2, n. 1, p.3-8, 2011.
- SILVA, S. L. C.; GUALBERTO, S. A.; MACEDO, L. G. E.; SILVEIRA, T.C.; SILVA, D. C. Plantas medicinais usadas pela comunidade do povoado de Laços (Tanhaçú/Bahia) e encontradas na floresta nacional Contendas do Sincorá. Mossoró: **Revista Caatinga**, v°25, n°3, 2012, p.130-136,
- SOARES, C.A. A cura que vem dos chás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. 264.p.
- SOUSA, C.G.; ARAÚJO, B.R.N.; SANTOS, A.T.P. Inventário etnobotânico de plantas medicinais na comunidade de Machadinho, Camaçari-BA: Porto Alegre: **Revista Brasileira de Biociências**, v°5, n°1, 2007, p.549-551.
- TAVARES, I.B.; MOMENTÉ, V. G. NASCIMENTO I. R. *Lippia alba*: estudos químicos, etnofarmacológicos e agronômicos. **Revista Brasileira de Tecnologia Aplicada nas Ciências Agrárias**, Guarapuava-PR, v.4, n.1, 2011.p.204–220.
- VENDRUSCOLO, G. S.; MENTZ L. A. Estudo da concordância das citações de uso e importância das espécies e famílias utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro, Ponta Grossa, Porto Alegre, RS, Brasil, **Acta Bot. Bras.** 20, n°2, 2006b, p.367-382.
- VENDRUSCOLO, G. S.; MENTZ, L. A. Levantamento etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Porto Alegre: **IHERINGIA, Sér. Bot.**, v. 61, n. 1-2, 2006a, p. 83-103.

Tabela 1. Espécies de plantas identificadas como uso medicinal e Importância Relativa (IR) e valor de uso (VU) da comunidade do Sítio Palmeira, Cuitegi, Paraíba, Nordeste do Brasil.

Família	Espécies	Nome vernacular	Nº de citações	Nº do herbário	IR	VUatual	VUpotencial
Acanthaceae	<i>Justicia pectoralis</i> var. <i>stenophy</i> Leon.	Chachambá	1	21.167	0,19	0,02	0
	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Aroeira	27	-	1,32	0,30	0,32
Anacardiaceae	<i>Anacardium humile</i> A. St. Hil.	Cajú roxo	36	-	1,63	0,40	0,50
	<i>Mangifera indica</i> L.	Manga espada	6	-	0,50	0,07	0,07
	<i>Astronium fraxinifolium</i> Schott ex Spreng.	Sete cascos	1	21.163	0,19	0,02	0
Annonaceae	<i>Annona muricata</i> L.	Graviola	2	21.164	0,63	0,07	0,02
	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Anador	2	-	0,26	0,05	0
Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.)	Perpetua branca	2	-	0,26	0,05	0
	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L.) Kuntze	Penicilina vegetal	1	-	0,19	0,02	0
Amaryllidaceae	<i>Habranthus itaobinus</i> Ravenna	Alho do mato	2	-	0,19	0	0,02
	<i>Daucus carota</i> L.	Cenoura	2	-	0,38	0,02	0,02
Apiaceae	<i>Coriandrum sativum</i> L.	Coentro	2	-	0,38	0,07	0
	<i>Eryngium foetidum</i> L.	Coentro do brabo	1	-	0,19	0,02	0
	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	Erva doce	14	-	0,88	0,17	0,17
Apocynaceae	<i>Canthranthus roseus</i> (L.) G. Don	Boa noite branca	13	-	0,26	0,22	0,1
	<i>Cocos nucifera</i> L.	Coco	9	-	0,95	0,20	0
Arecaceae	<i>Syagrus cearensis</i> Noblick	Coco catolé	2	-	0,32	0,05	0,02
Aristolochiaceae	<i>Aristolochia cymbifera</i> Mart. & Zucc	Contra erva	2	-	0,26	0,05	0
	<i>Lactuca sativa</i> L.	Alface	1	-	0,19	0,02	0
	<i>Vernonia condensata</i> Baker	Boldo	10	21.170	0,38	0,15	0,1
	<i>Chamomilla recutita</i> (L.) Rauschert	Camomila	5	-	0,19	0,05	0,07
Asteraceae	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Espinho de cigano	1	21.057	0,19	0,02	0
	<i>Helianthus annuus</i>	Girassol	1	-	0,19	0,05	0
	<i>Egletes viscosa</i> (L.) Less	Macela	1	-	0,19	0,02	0
	<i>Jacarandá copaia</i> (Aubl.) D. Don	Caraúba	2	-	0,38	0,05	0
	<i>Jacaranda cuspidifolia</i> Mart.	Caroba	3	-	0,38	0,07	0
Bignoneaceae	<i>Crescentia cujete</i> L.	Cuité/Coité	1	-	0,19	0,02	0
	<i>Handroanthus impetiginosus</i> (Mart. Ex DC.) Mattos	Pau d'arco roxo	6	-	1,13	0,15	0

Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L.	Açafrão	4	21.047	0,57	0,07	0,02
Boraginaceae	<i>Symphytum officinale</i> L.	Língua de vaca	1	-	0,19	0,02	0
Brassicaceae	<i>Brassica oleracea</i> L.	Couve	2	-	0,26	0,07	0,02
Bromeliaceae	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merr.	Abacaxi	4	-	0,26	0,05	0,05
Cactaceae	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Cardeiro	1	21.051	0,19	0,02	0
	<i>Opuntia ficus-indica</i> Mill.	Palma	1	-	0,19	0,02	0
Capparaceae	<i>Tarenaya spinosa</i> (Jacq.) Raf	Mussambê	1	21.058	0,19	0,02	0
Caprifoliaceae	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schltdl.	Sabugueira	27	21.040	0,63	0,37	0,30
Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L.	Mamão	1	-	0,19	0,02	0,02
Caryophyllaceae	<i>Dianthus caryophyllus</i> L.	Cravo branco	3	-	0,57	0,07	0
Celastraceae	<i>Maytenus ilicifolia</i> Reissek	Espinheira Santa	1	-	0,19	0	0,05
Chenopodiaceae	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Mastruz	29	21.034	1,19	0,35	0,37
Commerliaceae	<i>Cammelia difusa</i>	Erva de Santa Maria	1	21.025	0,19	0,05	0,02
Convolvulaceae	<i>Operculina macrocarpa</i> (L.) Urb.	Batata de purga	4	-	0,44	0,10	0
Crassulaceae	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Camb.	Saião	1	-	0,19	0,12	0,07
Cecropiaceae	<i>Cecropia pachystachya</i> Trécul	Imbaúba	1	-	0,19	0,02	0
Cucurbitaceae	<i>Luffa operculata</i> Cong.	Cabacinha	11	-	0,19	0,02	0
	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	Chuchu	1	21.169	0,19	0,02	0,02
	<i>Sicana odorifera</i> (Vell.) Naudin	Cruá	1	-	0,19	0,02	0
	<i>Momordica charantia</i> L.	Melão de São Caitano	1	21.059	0,19	0,02	0,02
	<i>Cucumis sativus</i> L.	Pepino	1	-	0,19	0	0,02
Euphorbiaceae	<i>Croton Blanchetianus</i> Baill.	Marmeleiro	1	-	0,19	0,02	0
	<i>Croton sincorensis</i> Mart.	Marmeleiro branco	2	21.166	0,38	0,05	0
	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Pinhão roxo	5	21.026	0,81	0,10	0,02
	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Quebra pedra	1	21.039	0,19	0,05	0,02
Fabaceae	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell) Brenan	Angico	17	21.036	1,00	0,22	0,20
	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville	Barbatimão	7	-	0,57	0,07	0
	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A. C.Sm.	Cumarú	5	-	0,81	0,07	0,07
	<i>Senegalia polyphylla</i> (DC). Britton & Rose	Espinheiro	1	21.159	0,19	0,02	0
	<i>Machaerium</i> sp.	Espinho rei	1	-	0,19	0,02	0
	<i>Cajanus cajan</i> (L.) Huth	Guandú	1	-	0,19	0,02	0
	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Jatobá	5	-	0,88	0,17	0,07
	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart. Ex Tul. Var. férrea	Jucá	3	21.029	0,57	0,07	0
Geraniaceae	<i>Pelargonium graveolens</i> L'Hér.	Tamarindo	1	21.028	0,19	0,02	0
		Malva rosa	6	-	0,63	0,12	0,02

Lamiaceae	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Alecrim	7	21.060	0,81	0,15	0,02
	<i>Ocimum selloi</i> Benth.	Alfavaca	11	21.043	0,69	0,10	0,17
	<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Alfazema braba	1	-	0,19	0	0,02
	<i>Leonotis nepetaefoli</i> (L.) R. Br.	Cordão de São Francisco	1	-	0,19	0	0,02
	<i>Plectranthus amboinicus</i> L. (Lour.) Spreng.	Hortelã da folha grossa	34	21.024	1,07	0,17	0,67
	<i>Mentha x piperita</i> L.	Hortelã da folha miúda	30	-	1,56	0,32	0,42
	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrewes	Hortelã de homem	3	21.33	0,44	0,05	0,05
	<i>Aeollanthus suaveolens</i> Mart.	Macassá	13	-	1,01	0,32	0
	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Manjericão	2	21.43	0,26	0,05	0
	<i>Tetradenia riparia</i> (Hochst.) Codd	Alecrim bravo	1	-	0,19	0,02	0
Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill.	Abacate	9	-	0,69	0,12	0,05
	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Breyn.	Canela	7	21.061	0,76	0,15	0,02
Liliaceae	<i>Allium sativum</i> L.	Alho	6	-	0,81	0,05	0,05
	<i>Aloe vera</i> (L.) Brum. f.	Babosa	17	-	1,13	0,17	0,25
	<i>Allium cepa</i> L.	Cebola branca	9	-	0,44	0,12	0,10
Linaceae	<i>Linum usitatissimum</i> L.	Linhaça	1	-	0,19	0,02	0
Loasaceae	<i>Aosa rupestres</i> (Gardner) Weigend	Urtiga branca	8	-	1,01	0,1	0,1
Malpighiaceae	<i>Malpighia puniceifolia</i> L.	Acerola	4	-	0,26	0,05	0
Malvaceae	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Algodão	1	-	0,19	0,02	0
	<i>Ceiba glaziovii</i> (Kuntze) K. Schum.	Barriguda	2	-	0,19	0,05	0
	<i>Hibiscus sinensis</i> L.	Malvão vermelho	2	-	0,38	0,02	0,02
	<i>Guazuma ulmifolia</i> Lam.	Mutamba	2	-	0,38	0,02	0,02
	<i>Abelmoschus esculentes</i> (L.) Moench.	Quiabo	2	21.048	0,38	0,05	0
Moraceae	<i>Artocarpus heterophyllus</i> Lam.	Jaca	2	-	0,26	0,02	0,02
	<i>Macluva tinctoria</i> (L.) D. Don ex Steud.	Tatajuba	1	-	0,19	0,02	0
Musaceae	<i>Musa X paradisiaca</i> L.	Banana prata	5	-	0,63	0,05	0
	<i>Psidium guineense</i>	Araçá	6	21.053	0,26	0,10	0,02
Myrtaceae	<i>Syzygium aromaticum</i> (L.) Nerril.	Cravo do reino	1	-	0,19	0,02	0
	<i>Syzygium cumini</i> (L.) Skeels	Oliveira	2	-	0,38	0,02	0,02
	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Eucalipto	14	-	0,50	0,25	0,10
	<i>Psidium guajava</i> L.	Goiaba	2	21.038	0,26	0,15	0,15
	<i>Myrciaria jaboticaba</i> (Vell.) O. Berg	Jaboticaba	2	21.055	0,38	0,05	0
	<i>Eugenia uniflora</i> L.	Pitanga	1	21.162	0,19	0,02	0

Nyctaginaceae	<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Pega pinto	1	21.056	0,19	0,02	0
	<i>Guapira opposita</i> (Vell.) Reitz	João mole	2	-	0,38	0,07	0
Olacaceae	<i>Ximenia americana</i> L.	Ameixa	3	-	0,19	0,07	0
Oxalidaceae	<i>Averhoa carambola</i> L.	Carambola	2	21.162	0,38	0,05	0
Passifloraceae	<i>Passiflora edulis</i> Sims	Maracujá	2	21.165	0,26	0,1	0,07
Papaveraceae	<i>Argemone mexica</i> L.	Cardo santo	2	21.047	0,38	0,05	0
Pedaliaceae	<i>Sesamum orientale</i> L.	Gergelim	1	-	0,19	0,02	0
Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L.	Tipí	2	21.048	0,38	0,07	0
Piperaceae	<i>Piper nigrum</i> L.	Pimenta do reino	1	21.030	0,19	0,02	0,02
Plantaginaceae	<i>Plantago major</i> L.	Transsagem	2	-	0,38	0,07	0
	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf.	Capim santo	42	-	1,75	0,27	0,77
Poaceae	<i>Zea mays</i> L.	Milho	1	21.037	0,19	0,02	0
Punicaceae	<i>Punica granatum</i> L.	Romã	24	21.032	1,31	0,27	0,32
Rhamnaceae	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Juá	4	-	0,75	0,07	0,02
Rosaceae	<i>Rosa alba</i> L.	Rosa branca	5	21.167	0,44	0,75	0,05
Rubiaceae	<i>Genipa americana</i> L.	Jenipapo	11	21.160	0,44	0,12	0,15
	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltde) K. Schum	Jenipapo brabo	3	-	0,44	0,07	0
	<i>Morinda citrifolia</i> L.	Noni	2	21.042	0,38	0,07	0,02
	<i>Borreria verticillata</i> (L.) G. Mey.	Vassoura de botão	2	21.031	0,38	0,05	0,05
	<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum	Quina-quina	3	-	0,57	0,07	0
Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L.	Arruda	19	-	1,00	0,45	0,02
	<i>Citrus aurantium</i> L.	Laranja	17	-	0,88	0,25	0,17
	<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	Laranja lima	1	-	0,19	0,05	0
	<i>Citrus Limon</i> (L.) Burm. f.	Limão	2	-	0,26	0,05	0,1
Sapindaceae	<i>Cupania emarginata</i>	Cabatã	1	21.059	0,19	0,02	0
Scrophulariaceae	<i>Capraria biflora</i> L.	Chá preto	2	-	0,26	0,05	0
Solanaceae	<i>Solanum tuberosum</i>	Batatinha	1	-	0,19	0,02	0
	<i>Solanum agrarium</i> Sendtn	Gogoia	1	-	0,19	0,02	0
	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Jurubeba	3	21.044	0,57	0,07	0
	<i>Capsicum frutescens</i> L.	Pimenta	1	-	0,19	0,02	0,02
Turneraceae	<i>Turnera ulmifolia</i> Sessé & Moc.	Xanana	1	-	0,19	0,02	0
	<i>Beta vulgaris esculenta</i>	Beterraba	3	-	0,26	0,02	0,05
Verbenaceae	<i>Lantana camara</i> L.	Chumbinho	1	21.054	0,19	0,02	0,02
	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br.	Erva cidreira	43	21.045	1,31	0,20	0,87
	<i>Vitex agnus-castus</i> L.	Liamba	1	-	0,19	0,02	0

Violaceae	<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) Oken	Papaconha	2	-	0,26	0,05	0
Vitaceae	<i>Cissus Verticillata</i> (L) Nicholson & C.E.Jarvis	Insulina	1	-	0,19	0,05	0
Zengiberaceae	<i>Curcuma Longa</i> L.	Açafoa	1	21.057	0,19	0,02	0
	<i>Costus spicatus</i> (Jacq.) Sw.	Cana-da-índia	6	-	0,81	0,15	0
	<i>Alpina zerumbet</i> (Pers.) B.L. Burtt. & R.M.Sm.	Colônia	29	21.035	0,94	0,37	0,35
	<i>Zingiber officinale</i> Rosce.	Gengibre	1	-	0,19	0	0,02
Indeterminada	<i>Indeterminada</i>	Nove curas	1	-	0,19	0	0,02
	<i>Indeterminada</i>	Cumatí	1	-	0,19	0,02	0